

Um olhar sobre a vida em uma casa de acolhimento: um relato de experiência

João Bezerra Da Silva Neto
Nilene Matos Trigueiro Marinho
Amanda Raquel Rodrigues Pessoa



Introdução

Envelhecer é um processo natural e comum a todos os seres humanos. Nessa fase da vida, a vulnerabilidade biológica promove transformações significativas nas relações sociais. Além das mudanças corporais, há um decréscimo da vida produtiva, ligada ao trabalho, tendo que lidar com a chegada da aposentadoria, podendo ser uma fase de isolamento e solidão.

No campo social, humano e afetivo, envelhecer torna-se um assunto delicado e controverso, pois são comuns nesta faixa etária sentimentos como medo, tristeza, frustração e diminuição da autoestima pelas condições advindas com o processo biológico do envelhecimento e as alterações na dinâmica social, afetando as relações intrapessoais e com o meio em que estamos inseridos. Acreditamos que, no processo de envelhecimento, as relações de troca de amor podem influenciar na construção de laços afetivos, possibilitando modos de viver menos mortificadores (Silva e Nascimento, 2019).

Diante das mudanças de hábitos e da consolidação de tecnologias voltadas para a melhoria das condições humanas, a população contemporânea tem conseguido prolongar os anos de existência que, diferente de outros momentos da História, contempla produtos da modernidade favoráveis à manutenção da vida.

Acreditamos que os idosos são referências para as novas gerações, suas experiências e saberes constituídos ao longo da vida revelam transformações históricas ocorridas na Humanidade, apontando para o futuro com novas formas de existência e de relações socioculturais. Nesta fase da vida, muitos idosos passam a necessitar de cuidados especiais e acabam sendo direcionados às casas de acolhimento com a promessa de receberem cuidados específicos durante a sua estadia.

É crescente no Brasil o número de idosos entre a população. Dados confirmados pelo IBGE em 2022 apontam que “a população com 60 anos ou mais sofreu um aumento de 56% em relação a 2010 (20.590.597), com 32.113.490 em 2022” (IBGE, 2022). Acreditamos que as melhores condições de vida, com acesso à saúde, alimentação e educação, possibilitaram à população envelhecer.

Com o número crescente de idosos e das demandas familiares em que as mulheres, historicamente responsáveis pelos cuidados com esse público, assumem trabalhos externos ao ambiente doméstico para complementar a renda, as instituições de acolhimento têm sido uma opção para algumas famílias. Estes espaços vêm ganhando visibilidade, tornando-se uma opção para convivência e cuidado, quando em pleno funcionamento possibilitam equipes multidisciplinares para garantir uma assistência adequada aos idosos.

Entendemos a casa de acolhimento, para além dos cuidados com a saúde, como um local que deve proporcionar lazer e bem-estar. Se configura como um território afetivo, propício para a existência de sentimentos de amor, essencial para a convivência e trocas com essa população.

A partir da vivência acadêmica em campo, percebemos a necessidade de escrever sobre os comportamentos, sentimentos e emoções dos idosos atendidos em uma casa de acolhimento, através da intervenção realizada por meio do estágio supervisionado em lazer e atividades sociocomunitárias, no intuito de buscar responder as seguintes indagações iniciais: Os idosos se interessariam pelas atividades de lazer ofertadas? Teriam o interesse em executá-las? Como se sentiriam com a presença de um sujeito novo em suas atividades do dia a dia? Eles desenvolveriam laços de afeto capazes de demonstrar como se sentem em relação ao espaço em que vivem?

Estes questionamentos surgiram durante a realização do componente curricular do curso de Bacharelado em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Estado do Ceará – IFCE, que exige 40 horas de intervenção em campo.

Diante disso, este trabalho busca analisar, a partir de um relato das experiências, o comportamento dos idosos em situação de acolhimento mediante implementação de ações voltadas ao lazer e à convivência cotidiana com residentes e funcionários.

Práticas de lazer podem contribuir para a redução de doenças psicossomáticas que afetam esse público e são fatores preditores para demência senil, doença que incapacita os sujeitos. Além disso, a categoria dos interesses físicos do lazer, que envolvem práticas corporais com movimentos, também auxilia na melhoria da saúde física e mental e na redução de doenças como pressão alta e diabetes.

Justificamos o nosso interesse em trabalhar com esse público pelo fato da crescente institucionalização das casas de acolhimento pelo país. Com tamanha

projeção, faz-se importante o estudo sobre as condições de vida que os idosos enfrentam nesta etapa, além da relação com os profissionais que atendem às suas necessidades específicas.

Metodologia

Este estudo é de caráter exploratório, do tipo relato de experiência, tendo por base os registros realizados durante o período de realização de estágio supervisionado em atividades de lazer e sociocomunitárias.

Os interesses do lazer expressos por autores como Camargo (2006) foram considerados no planejamento das atividades. São eles: interesses **físicos**, que incluem as caminhadas, a ginástica, o esporte e atividades correlatas, que podem ser executadas de maneira formal ou informal e em espaços tecnicamente planejados; **manuais**, com atividades ligadas ao prazer de manipular, explorar e transformar a natureza; **artísticos**, onde ressalta-se o imaginário, o sonho, o encantamento, o belo e o faz de conta; **intelectuais**, ligados ao exercício do conhecimento e à satisfação da curiosidade intelectual, e **associativos**, expressos no contato, metafórico ou concreto, com o humano.

Nas análises utilizamos estratégias voltadas à observação, aos diálogos e às anotações de forma assistemática, ou seja, de acordo com as oportunidades que surgiram durante os encontros. As falas dos idosos que se sentiram mais confortáveis para se expressar foram transcritas na ferramenta de registro, um diário de campo onde as anotações eram realizadas. Aos mais reservados, coube a observação e a interpretação dos comportamentos mediante suas escolhas, costumes e hábitos durante o período de intervenção.

Com ajuda do diário de campo onde foram anotadas as informações relevantes ao estudo, interpretamos os comportamentos e as falas dos idosos no período de dez (10) encontros, com duas (02) horas de duração cada, distribuídos em finais de semana, período em que os idosos recebem visitas dos familiares.

Foi criado um cronograma, com ordem lógica, voltado aos cinco interesses do lazer (social, artístico, manual, intelectual e físico), com atividades específicas e pensadas no intuito de preparar o público para a próxima intervenção e relembrar o que foi visto anteriormente.

A participação nas atividades deveria ser espontâneas. Não havia obrigação, mas buscamos instigar a participação.

O cronograma de atividades teve início no dia oito (8) de fevereiro, com final no dia quinze (15) de março, no ano de 2025. Para cada encontro foi desenvolvido um plano de atuação com duração de duas (2) horas, tendo um interesse do

lazer em evidência, distribuído da seguinte forma: a) Lazer Social; b) Lazer Artístico; c) Lazer Manual; d) Lazer Intelectual; e) Lazer Físico.

A vivência do estágio teve como objetivo desenvolver uma melhor socialização e bem-estar afetivo nos idosos, através de vivências em atividades de lazer e do estímulo à criatividade; incentivar o movimento corporal por meio de práticas de lazer a fim de aumentar o nível de atividade física e, por fim, colaborar para a melhoria dos aspectos socioafetivos entre os moradores da casa de apoio e os funcionários.

Campo de estágio

O campo de estágio foi uma casa de acolhimento para idosos localizada no Conjunto Nossa Senhora de Fátima, um bairro próximo ao centro do município de Barbalha, cidade localizada no estado do Ceará. Está há pouco mais de seis (06) meses nesse endereço, mudança necessária por conta das fortes chuvas que alagaram o prédio antigo. Sua estrutura é semelhante a uma casa convencional que fica centralizada no terreno, e apresenta cinco (05) quartos, uma (01) cozinha, uma (01) varanda e um (01) espaço com vegetação ao redor da residência. Dispõe de uma (01) mesa para as alimentações em grupo e várias cadeiras e bancos distribuídos pela residência. O sistema de energia é do tipo renovável, com placas solares.

É uma instituição privada, ou seja, não é associada a projetos governamentais. Apresenta duas unidades na cidade, distribuindo os idosos de acordo com as suas necessidades de acolhimento, e os recebe a partir dos 60 anos. O processo de entrada acontece a partir do interesse dos idosos ou dos familiares que buscam a diretora responsável para conversar sobre as possibilidades de estadia. Os pagamentos são feitos através dos valores da aposentadoria deles ou de forma direta para os que não possuem o benefício.

Os residentes têm direito à moradia, alimentação e nutrição, aplicação e acompanhamento dos medicamentos, direcionamento para a unidade de saúde pública mais próxima em caso de urgência e emergência, além de TV e som durante o dia.

Aos sábados e domingos, os idosos recebem mais visitas de parentes e amigos, mas a instituição não exclui a possibilidade de permitir visitas também durante outros dias da semana.

Atualmente comporta doze (12) residentes, sendo sete (07) homens e cinco (05) mulheres. Destes, cinco (05) possuem mobilidade reduzida, sendo três (03) cadeirantes e duas (02) que precisam do implemento do andador para se locomover. A maioria tem dificuldade para ouvir e para enxergar com clareza, possivelmente ligadas à idade, além de apresentarem comprometimento do aparelho cognitivo, manifestado no modo de falar (por vezes difícil de compreender) e nos comportamentos (percebidos em padrões de movimentos).

Além das duas (02) administradoras, a equipe da casa onde o estágio aconteceu é composta por: um(a) (01) técnico(a) de enfermagem, uma (01) cuidadora, uma (01) cozinheira e uma (01) pessoa para serviços gerais. As equipes trabalham em turnos alternados, na escala doze por trinta e seis (12/36), ou seja, ½ dia de trabalho e 1 dia e ½ de descanso.

Essa casa de acolhimento apresenta características semelhantes às citadas por Pollo (2008) no que se refere à estrutura e ao cuidado esperados para os idosos acolhidos. Para o autor existem padrões básicos que as instituições de acolhimento devem cumprir, apontando para um lugar com boa iluminação, de fácil acesso, com segurança para os residentes e para os funcionários, que seja um lugar agradável e que lembre um lar. Com cuidadores voltados para as questões físicas, psicológicas, materiais e de relacionamentos. Todas essas questões necessitam de investimento monetário para a dedicação em tempo e as necessidades do grupo atendido (Pollo, 2008).

Resultados e discussões

A realização do estágio nos proporcionou um olhar sobre o idoso a partir das relações cotidianas estabelecidas na casa de acolhimento. Apresentamos a seguir os aspectos observados a partir das práticas de lazer, dos diálogos com os idosos e da percepção sobre as relações estabelecidas com os funcionários.

a) Observatório das Práticas de Lazer realizadas

De início, estávamos apreensivos sobre a aceitação e a participação dos idosos nas atividades propostas. Os estigmas sociais, que associam esse público ao isolamento e à indisposição, nos deixaram com receio de que eles apresentassem certa resistência às atividades.

No primeiro encontro, realizamos a atividade “o crachá-gigante”, que tinha como objetivo conhecermos uns aos outros a partir da forma que os idosos gostariam de ser chamados, além de símbolos e imagens que poderiam ser associados aos seus nomes. Esse primeiro contato foi importante para entender as rotinas e as possibilidades de adaptação das atividades propostas no intuito de aproveitar ao máximo a sua atenção e incluí-los nas dinâmicas.

Nesse momento, alguns não demonstraram interesse em escutar as propostas. Diante da situação, nos questionamos sobre os motivos do desinteresse e as respostas estavam associadas a fatores orgânicos de ausência de memória. As expressões mais recorrentes foram: *“não tenho mais memória para essas coisas!”* e *“o pouco que me resta não pode ser usado pra isso”*. (Registro em diário de campo, 08 de fevereiro de 2025)

Tornou-se perceptível que a maioria apresentava dificuldades em enxergar e alguns em ouvir, a coordenação motora fina com sinais de comprometimento pela idade, o que dificultava o manuseio de lápis e papel. Dos que se interessaram mais pelo desenho e pela pintura era comum ouvir que queriam

“desenhos maiores” e “cores mais fortes”, pois “era melhor de enxergar”.

A perda de algumas habilidades físicas demonstrou ser um fator que afeta a autoestima e impediu, em um primeiro momento, a participação desses indivíduos que definiam-se como incapacitados para o exercício de atividades simples e de fácil adaptação.

Em idades avançadas, as nossas pernas não conseguem obedecer aos nossos comandos, movimentando-se mais devagar que o normal, característica comum aos idosos que, mesmo quando saudáveis, apresentam dificuldades de locomoção e movem-se de maneira diferente de outras faixas etárias (Elias, 2001). Conforme Elias (2001), é justamente a partir do que consideramos como normal que a percepção de um idoso e suas limitações físicas pode ser percebida como desviante de um padrão comum à ordem social, fundamentado nas características da juventude.

As limitações físicas percebidas em pessoas de idade avançada provoca, não raras vezes, uma ausência de identificação com sujeitos de outras faixas etárias e, conseqüentemente, uma dificuldade destes em entender tais mudanças (Elias, 2001).

Aqueles que já sofrem com as respostas do corpo ao envelhecimento também se sentem excluídos, impactando sua percepção de si e de suas potencialidades.

Observamos na resistência dos idosos em participar das atividades um sentimento negativo diante das mudanças biológicas advindas da idade. Em certa medida, a relação com a sua corporeidade foi afetada pelas condições de saúde, gerando uma percepção limitante. Jardim, Medeiros e Brito (2006, p. 30) analisaram que “quando a velhice está associada à doença, os idosos tendem a representar imagens bem negativas da velhice, mas isto vai depender do contexto sociocultural em que estão inseridos, visto que a velhice e o envelhecimento são processos social e culturalmente construídos”.

Em relação aos idosos que desenvolveram uma percepção negativa de si, acreditamos ser necessário afirmar e valorizar as transformações, criando assim uma relação mais amorosa com as mudanças advindas com o envelhecer. Ter hábitos de amor, entendido como as formas de conexão, empoderamento, tanto para si mesmo quanto para os outros, em que as potencialidades são enaltecidas em busca de um bem-estar, nos parece ser algo necessário para aumentar a autoestima dos idosos e as visões positivas do envelhecimento (Hooks, 2021).

Na esfera do lazer, acreditamos que os profissionais podem contribuir para que sejam superados determinados limites presentes na vida destes sujeitos. Reconhecendo as suas necessidades, entendendo a relevância do compromisso com uma ética amorosa, podem oferecer um conjunto diferente de valores pelos quais viver, associado ao lazer e que vá além do rendimento, da cobrança, do

perfeccionismo na execução de atividades, englobando o acolhimento, a escuta, a flexibilidade e a aceitação das barreiras impostas pelo tempo responsável por deixar marcas profundas nos corpos.

Ainda a respeito dos interesses do lazer, os idosos participantes tiveram afinidade com o desenho, a pintura e a confecção de objetos com miçangas, distribuídos nos interesses social, artístico e manual, respectivamente. Esses interesses foram os que envolveram o público com mais intensidade, possibilitando que se expressassem melhor. Durante essas atividades, os idosos falaram das suas experiências de vida, das suas famílias e dos seus interesses. Sentimentos como empatia, solidariedade e comunhão foram postos em evidência.

Já os momentos que envolveram movimentos físicos ou aspectos cognitivos não foram aceitos com entusiasmo, tendo em vista suas limitações e/ou baixa confiança em suas habilidades. Assim, os idosos não se animaram em participar de alguns jogos que envolviam o uso do raciocínio para desvendar algum mistério ou para pontuar, além de apresentarem baixa mobilidade em sua maioria, que utiliza implementos como cadeiras de rodas ou andadores para se deslocar, aspectos que dificultam os exercícios funcionais.

Na pesquisa de Ferreira (2017), ao contrário do que observamos, os interesses físicos se destacaram entre os idosos participantes, que demonstraram ser mais ativos em seu dia a dia. Quando analisamos a ausência desse conteúdo cultural entre os idosos da nossa pesquisa, pressupomos existir uma relação com as suas condições de saúde, no receio em se machucar, e com as rotinas na casa de acolhimento, mais favoráveis para a realização de atividades com menor esforço físico e maior interação social.

A priori, o interesse intelectual desenvolvido a partir de jogos cognitivos não foi aprovado. Os idosos não se sentiram capazes de desvendar os mistérios propostos na atividade, e mesmo com o incentivo do mediador se mostraram sem a habilidade necessária, até mesmo nos jogos mais simples. Nesses momentos, era comum mudarem de assunto, falarem que não sabiam ou que não conheciam o que estava sendo apresentado, fazendo comentários relacionados a uma condição de incapacidade, com destaque para as expressões *“eu não consigo fazer isso”, “não sou inteligente”, “isso é coisa de criança”* (Registros em diário de campo, 02 de março de 2025).

Com o passar do tempo, houve mudanças e eles demonstraram sentir-se confortáveis e seguros para executar as propostas de jogos que antes lhes pareciam além de suas possibilidades. Diferenças na forma de interagir, ao proferir frases como: *“eu estou começando a gostar de fazer isso”*, seguidas de incentivo dos próprios companheiros residentes, ao afirmarem *“tu consegue, tu é mais inteligente do que eu”* (Registro em diário de campo, 08 de março de 2025), foram tornando-se comuns.

É importante salientar que os idosos tiveram total autonomia para decidir participar ou não das atividades, fato importante para enfatizar a proposta do lazer e fortalecer a interpretação das suas ações durante o período de intervenção. Circunstância reafirmada por Camargo (2006, p. 11), ao destacar que, “por livre escolha no lazer, entenda-se assim a existência de um tempo precioso onde se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação.”

b) O processo de convivência e os diálogos durante as atividades de lazer

Percebemos que os idosos desejam ser ouvidos em suas necessidades emocionais. Durante os encontros, eles apresentavam evidências de que mesmo com as necessidades básicas supridas, como alimentação, moradia, saúde e alguns momentos de lazer, sentiam falta da vida que tinham antes de ir para a casa de acolhimento. Seus relatos remetiam ao passado, às suas experiências, lembrando relacionamentos amorosos e com filhos e família. Falaram das suas casas e dos animais, dos pais e mães, dos amigos, dos esportes que praticavam, dos passeios, das danças, da autonomia, do direito de ir e vir.

Em seu livro denominado “Vida, velhice e morte de uma mulher do povo”, Eribon (2024) retrata por meio de sua escrita, que vai do testemunho ao ensaio sociológico, o processo de ida de sua mãe a uma casa de acolhimento para idosos aos 87 anos de idade.

Processo que se assemelha ao percebido na casa onde o estágio ocorreu, em que a resistência inicial dos idosos logo dá lugar à resignação, oriunda do inevitável processo de envelhecimento e da impossibilidade de ter o controle sobre a sua vida, frutos das progressivas perda de memória e redução de mobilidade, ocasionadas pela idade avançada.

Assim, o autor destaca que a resistência de sua mãe, após diversas tentativas dos filhos em colocá-la em uma casa de repouso, deu lugar à aceitação de sua doença, denominada por ele de “velhice”. Eribon (2024, p. 24) define então, “[...] a casa de repouso que seria a partir dali a sua prisão, e por isso ela tinha de desistir de tentar ser saudável e de ser totalmente livre para ir e vir e fazer as suas próprias escolhas, porque já não era mais, nem podia ser”.

Os idosos objeto da pesquisa demonstraram, através das conversas, sentirem-se presos e resignados em aceitar a vida que lhes fora oferecida após o envelhecimento, onde não lhes fora possibilitada outra opção de escolha. Trata-se da aceitação de um processo inevitável imposto pela idade e por suas origens econômicas e sociais.

Neste sentido, Eribon (2004, p. 26) destaca: “[...] fui obrigado a me dar conta que a idade e a debilidade física são na verdade “correntes”, “prisões”, que reduzem a nada o que poderia restar da força para escapar minimamente ao destino:

vontade sim, poder não. E no fim, diante de não poder fazer, deixa-se de querer fazer”.

Com um número crescente de instituições que acolhem idosos para permanência de longa duração, a sociedade moderna tem seus idosos mais isolados do círculo familiar e de amigos. Visto que a maioria das pessoas forma vínculos afetivos anteriores à aposentadoria, com amigos e familiares, a estadia em casas de acolhimento significa, nesse sentido, uma ruptura com esses laços e o desenvolvimento de uma vida comunitária com sujeitos desconhecidos (Elias, 2001).

Mesmo com um excelente atendimento de cuidadores e enfermeiros, a separação do idoso da vida normal leva-o a desenvolver sentimentos de solidão.

Apenas alguns indivíduos tinham o direito à esperança de voltar para casa. Eram aqueles que recebiam visitas dos parentes e, nesses momentos específicos, eles percebiam a possibilidade de sonhar com outra realidade. No entanto, dos 12 moradores da casa apenas 3 recebiam visitas com frequência, restritas aos finais de semana, geralmente, de 15 em 15 dias.

Para os idosos cujas famílias não residiam na cidade onde fica situada a casa de acolhimento, o contato era realizado apenas através de ligações telefônicas e acontecia quinzenalmente. Quanto aos que nunca recebiam visitas, esses já demonstravam uma aparente resignação à situação em que se encontravam.

Notamos que o distanciamento dos familiares gera nos idosos sentimento de tristeza, sendo o relacionamento com os residentes e funcionários da casa de acolhimento fundamentais para amenizar a saudade. Barros (2004) destaca a importância da família e do seu valor social para a construção da identidade do idoso, logo, consideramos o afastamento dos parentes impactante para o seu bem-estar e reconhecimento de si.

Acreditamos ser o abandono um aspecto que atinge a autoestima e positividade do idoso, afetando a sua motivação e a vontade de realizar atividades diárias.

Na respectiva casa de acolhimento, tornou-se perceptível que os funcionários acabam, não raras vezes, estando mais próximos do que a família, pelo tempo de convivência que estabelecem com os idosos.

A ausência de contato com parentes e amigos parece estar vinculada ao sentimento de abandono, que induz ao luto, como categoria finita, para alguns indivíduos, já que há um desinvestimento do objeto libidinal e o investimento em outros interesses, como as conversas diárias com amigos que nasceram ali, mas também pode tornar-se melancolia, ao que parece, para a grande maioria deles. Sendo, portanto, a melancolia uma emoção infinita, em que a perda do objeto amado, sua vida, família, amigos, animais de estimação, torna-se também

a perda do “eu”, identificada com o objeto perdido (Freud, 2010).

Essas pessoas acabam não tendo a possibilidade de acessar outras atividades que ajudariam a amenizar a saudade e o luto pela separação, tais como acompanhamento psicológico e atividades que lhes deem prazer e diversão. Elas têm que superar sozinhas o sepultamento de toda uma vida anterior e o rompimento desses laços de afeto.

c) As relações com os funcionários na casa de acolhimento

Os funcionários demonstram gostar do trabalho que executam na casa, que é significativo para a vida daquelas pessoas atendidas. E, como a maior parte desses indivíduos não têm contato frequente com seus familiares, pensar em uma ética amorosa (hooks, 2021) no trato com eles pode auxiliá-los a desenvolver uma existência saudável.

Durante a realização das atividades de lazer, havia uma preocupação dos funcionários em incluir todos os idosos nas dinâmicas, em lembrar das suas preferências e gostos. Estes criaram, em uma das atividades, pulseiras com as iniciais de cada um que estava presente, mesmo que não estivesse participando no momento. Tal comportamento carrega características do que hooks (2021, p. 130) denomina de ética amorosa e “abraçar uma ética amorosa significa utilizar as dimensões do amor — cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” — em nosso cotidiano”.

A partir disso, o valor atribuído aos funcionários passa a ter um significado mais profundo, atitude que eleva os parâmetros de relação, desvinculando da ideia de ser apenas uma prestação de serviço profissional e desenvolvendo atitudes de doação que despertam sentimentos de afetividade traduzidos no cuidado, que além de todos os benefícios, é capaz de amenizar sentimentos como a solidão e a saudade nos idosos.

Todavia, não se pode desconsiderar o trabalho exaustivo em espaços como estes, onde exige-se muita dedicação dos funcionários que, não raras vezes, não são bem remunerados pelo trabalho que executam. Esses funcionários acabam por estar mais próximos do que a família dos internos ao conviver com eles diariamente. Assim, quando o profissional se dedica sob a perspectiva de uma ética amorosa, ele atribui significado à vida destes sujeitos.

Conforme hooks (2021), para ter uma vida fundamentada em princípios amorosos, com cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar, é necessária coragem para encarar os medos e, conseqüentemente, o amor. O medo não irá, mas ficará no caminho. Provavelmente, estes princípios auxiliam a amenizar a passagem dos idosos pela casa e a passagem dos funcionários pela vida.

Se, por um lado, os idosos demonstram sentimentos de afetividade em forma de ações, por outro, destaca-se, também, que para a sociedade atual, fundamentada no modo de produção capitalista, é na velhice que o senso de utilidade perde valor. O que rege esse sistema econômico é, de forma mais simples, o trabalho para o consumo, o que deixa de ser comum com o avanço da idade.

A supervalorização do lucro também exclui o público idoso, em virtude da pouca ou nenhuma utilidade econômica para sua comunidade. Esses indivíduos são deixados “de lado” e direcionados a casas de acolhimento por não ter lugar nas engrenagens de uma sociedade que privilegia o lucro em detrimento do humano.

Todavia, destaca-se a relevância de práticas de lazer para o público idoso, que é acometido frequentemente por doenças psicossomáticas como depressão e ansiedade. Em casas de acolhimento, essas doenças podem ser ainda mais prevalentes, visto que os indivíduos encontram-se distantes de familiares, vizinhos e amigos com os quais conviveram durante toda uma vida, sendo obrigados a reconstruir-se e formar novos vínculos sociais e afetivos na busca de sobreviver aos limites que a idade e as condições econômicas e sociais os impõem.

Considerações finais

A experiência na casa de acolhimento tornou-se rica ao estagiário, que pôde perceber as imposições decorrentes da idade a um público que perdeu a possibilidade de escolha em diversos fatores de sua vida.

A necessidade de se refazer em um espaço alheio aos sentimentos, vínculos e recordações de toda uma vida demonstrou-se presente nas saudades que os idosos participantes da pesquisa relataram, na necessidade de construir vínculos com o estagiário e os funcionários da casa, na tentativa de sanar o vazio estabelecido pelas ausências e perdas.

A condição socioeconômica dos sujeitos atendidos, em sua maioria de baixa condição econômica, os torna ainda mais presos e vulneráveis a uma vida que não os permite desfrutar do conforto do seu lar.

A imersão da pesquisa também nos proporcionou perceber as trocas e relações afetivas entre os idosos, que com o decorrer do estágio ficaram mais receptivos, com alterações positivas no comportamento, sendo os interesses sociais, artísticos e manuais os que tiveram boa aceitação entre o grupo.

No decorrer do estágio, foi crescente a existência de trocas afetivas como elogios, abraços, apertos de mão e conselhos, apontando que o lazer pode se configurar em uma prática humanizada e uma ferramenta viável para melhorar a

autoestima, a motivação e o envolvimento dos idosos na casa de acolhimento.

Os funcionários demonstraram afeto e cuidado com os idosos, com preocupações relacionadas a sua participação nas atividades. Tais comportamentos podem amenizar sentimentos de tristeza e solidão.

Com isso, acreditamos que as ações de lazer possibilitaram atitudes amorosas, acolheram, promoveram confiança, excitaram as memórias agradáveis e construíram laços entre os participantes.

Referências

BARROS, M. M. L. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 2004, p.13-23.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. **Agência IBGE de Notícias**, 27 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br> . Acesso em: 25 maio 2025.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é Lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

DUMAZEDIER, J., Mazza, S., Guinsburg, J., Martins Filho, P., & Bolognani, V. L. **Sociologia empírica do lazer**, 1979.

ERIBON, Didier. **Vida, velhice e morte de uma mulher do povo**. Belo Horizonte: Âyiné, 2024.

FERREIRA, Gleice Aparecida. O lazer sob a perspectiva de pessoas idosas: importância, significados e vivências. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 70-87, jan./abr. 2017.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, v. 12).

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021. 272 p.

JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva; MEDEIROS, Bartolomeu Figueiroa de; BRITO, Ana Maria de. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.9, n.2, p. 25-34, 2006.

POLLO, S. H. L., Assis, M. de. Instituições de longa permanência para idosos - ILPIS: desafios e alternativas no município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 11, n.1, p. 29–44. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2008.11014>. Acesso em: 28 de abr. 2025.

SILVA, V. R. C. da; NASCIMENTO, W. F. do. Políticas do amor e sociedades do amanhã. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, p. 168–182, 2019. DOI: 10.5902/2179378639954. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39954>. Acesso em: 11 de mar. 2025.

Data de recebimento: 07/08/2025; Data de aceite: 23/10/2025

João Bezerra Da Silva Neto - Graduando, Área Básica de Ingresso - ABI (dupla formação) em Educação Física, pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Estado do Ceará – IFCE, campus Juazeiro do Norte. E-mail: joao.bezerra.silva07@aluno.ifce.edu.br.

Nilene Matos Trigueiro Marinho - Doutora em Educação. Docente do curso de graduação em Educação Física e do Mestrado Interdisciplinar em Meio Ambiente, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Estado do Ceará - IFCE, campus Juazeiro do Norte. E-mail: nilene@ifce.edu.br.

Amanda Raquel Rodrigues Pessoa - Doutora em Educação. Docente do curso de graduação em Educação Física e do Mestrado Interdisciplinar em Meio Ambiente, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Estado do Ceará – IFCE, campus Juazeiro do Norte. E-mail: amandaraquel@ifce.edu.br.